## Zygmunt BAUMAN (2006), *Confiança e medo na cidade*, Lisboa, Relógio d'Água

Teresa Mora*

Este livro reúne três ensaios através dos quais o sociólogo polaco Zygmunt Bauman reflecte criticamente sobre o sentimento de insegurança vivenciado no mundo ocidental contemporâneo. No primeiro ensaio, com o título de *Confiança e medo na cidade*, o autor, aludindo a Robert Castel[1], começa por nos colocar face à seguinte contradição: apesar das sociedades europeias se terem organizado em torno da maximização da protecção, é na Europa que "o medo e a obsessão da segurança têm vindo a ganhar terreno a passos de gigante" (p. 9). Fazendo-nos recuar à Europa moderna, Bauman corrobora Castel ao considerar que o *medo individualizado* de não se ser capaz de "pôr em prática a emancipação e a auto-superação" (p. 13) é, afinal, o *medo social* de não ser possível adequar-se à "norma geral" (p. 18) da auto-determinação que subjaz ao desenvolvimento do individualismo e da liberalização. A aspiração à auto-determinação individual tem, todavia, o seu reverso no sentimento de vulnerabilidade e fragilidade, consentâneo com a diluição das redes sociais de parentesco e vizinhança que tradicionalmente ofereciam ao indivíduo protecção, ao unir comunidades e corporações. No quadro societal da "modernidade sólida", coube ao Estado social assumir a tarefa de providenciar ao indivíduo protecção – nos campos da saúde, da educação, do alojamento – e aos sindicatos e associações protagonizar no terreno da relação capital-trabalho "laços artificiais" de solidariedade em substituição dos "laços naturais" de parentesco e vizinhança (p. 16). No quadro actual da sociedade de "modernidade líquida", a "dissolução da solidariedade" (*ibidem*), resultante da decomposição do Estado social, veio fomentar a "irreversibilidade da exclusão" (p. 19). Hoje, a condição de desempregado é, no limite, equiparável à de delinquente pois aquele, ao estar "a um passo de cair no buraco negro dos desclassificados", é – como o delinquente – parte do conjunto dos "elementos anti-sociais" e vê-se – sem esperança de reciclagem – "desterrado para o depósito de lixo do progresso económico" (p. 20).

Ao transitarmos do primeiro para o segundo quadro societal, o espaço no qual Bauman vai dar volume à sua reflexão sobre o medo social é compreensivelmente o das cidades: é aí que o "lixo de problemas de origem mundial" – tais como o desper-

* Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia, Universidade do Minho (tmora@ics.uminho.pt).

[1] Robert Castel (2003), *L'insécurité sociale: Qu'est-ce qu'être protégé*, Paris, Éditions du Seuil.

dício de meios de sobrevivência e o desenraizamento territorial de populações – tem o seu "depósito" principal (p. 28). Subsequentemente, as cidades contemporâneas emergem, logo neste primeiro ensaio, como o espelho privilegiado para o autor reflectir uma segunda contradição inscrita no quadro da modernidade líquida: a contradição entre a força dos poderes mundiais e as razões de ser e de querer de cada um dos seus habitantes, a radicar na "tarefa impossível" de "encontrar soluções locais para contradições globais" (*ibidem*).

Considerando que a proximidade de estranhos sempre foi uma característica central da vida citadina, Bauman afirma que nas cidades contemporâneas esta característica é indissociável do *medo do desconhecido* vivenciado pelos seus habitantes. O sentimento de insegurança e o impulso segregacionista que lhe estão associados ganham acuidade quando a figura do estrangeiro – encarnação por excelência do fantasma do desconhecido – entra no campo de acção dos citadinos. Esta assunção é explorada pelo autor através de curtas incursões em vários estudos sobre diversas cidades da Europa e não só.

São Paulo é-nos apresentada como a expressão mais brutal de uma arquitectura do medo relativamente à qual o estudo da antropóloga Teresa Caldeira, sobre os condomínios fechados, elucida bem a tendência urbana para a criação de "enclaves fortificados"[2]. As invenções arquitectónicas e urbanísticas descritas pelo geógrafo Steven Flusty[3] para o contexto norte americano materializam o mesmo padrão segregacionista, caracterizado pela construção de "pequenas fortalezas" que funcionam como "equivalentes modernizados dos antigos fossos, torreões e bocas de canhão das antigas muralhas" (p. 39) de protecção da cidade. Essas e outras incursões constituem o terreno para Bauman formular aquela que pode ser considerada a sua tese principal: em todas as pessoas que habitam nas cidades contemporâneas, a "mixofobia" e a "mixofilia" coexistem como expressões (exteriores) da tensão interior entre o medo de contactar com desconhecidos e o desejo de se misturar, ou conviver, com os que são diferentes de nós. A coexistência destes opostos revela-se, contudo, assimétrica: o crescendo de mixofobia não só vem sendo potenciado pela intensificação da diversidade cultural e do multilinguismo, decorrentes do impacto da globalização, como é preocupantemente alimentado por determinadas práticas urbanísticas – homogeneizar bairros e projectar áreas e prédios residenciais de acesso vedado – que ao serem portadoras do germe segregacionista vêm, afinal, agudizar o *medo da alteridade exterior*.

Enunciadas algumas das razões de ser da actual tendência mixofóbica, Bauman apela a uma outra estratégia urbanística: a criação de numerosos espaços públicos abertos à afluência das diferentes pessoas como um meio de reduzir o impacto da mixofobia ao contribuir para cultivar o sentimento de confiança mútua no meio da diversidade e para incrementar uma "cultura de disposições mixofílicas" (p. 46). No segundo ensaio, tendo por título *Em busca de refúgio na Caixa de Pandora*, o autor leva-nos a reconhecer que, num mundo em que a confiança na promessa de progresso

[2] Teresa Caldeira (1996), "Fortified enclaves: the new urban segregation", *Public Culture*, 8 (2), pp. 303-328.
[3] Steven Flusty (1997), "Building paranoia", in Nan Ellin (ed.), *Architecture of fear*, New York, Princeton Architectural Press, pp. 47-60.

cedeu o lugar à incapacidade de "prever ou governar a sua trajectória" (p. 50), o sentimento de medo e o seu vicioso antídoto – as "medidas defensivas" – são canalizados para o pequeno mundo de cada um, ou dos seus, e alimentados por uma panóplia de estratégias de mercado. "Cada uma das novas fechaduras que instalamos na porta de entrada principal, na sequência de uma série de rumores que propagam os desacatos de certos delinquentes aparentemente estrangeiros, ou cada mudança do nosso regime alimentar motivada por reiteradas notícias alarmantes acerca de 'alimentos perigosos'" (p. 51), ou cada uma dessas "cápsulas defensivas" (p. 52) – os automóveis todo-o-terreno – que circulam no meio da cidade, "não faz mais do que exasperar a nossa convicção de que o mundo está cada vez mais perigoso e temível, induzindo-nos a adoptarmos cada vez mais medidas defensivas" (p. 51).

A proposta de defesa do espaço público (acima enunciada), ou – se quisermos – a esperança que permaneceu nos bordos da caixa de Pandora, é coerentemente retomada pelo autor. Para Bauman, os espaços públicos são os lugares onde a convergência de desconhecidos, característica da vida urbana, pode ser celebrada, na condição, porém, da sua implementação renunciar "tanto à ambição moderna de apagar as diferenças do mapa, como à tendência pós-moderna que conduz à fossilização dessas mesmas diferenças através da separação e do afastamento recíprocos" (p.68). Em suma, – recuando às belas palavras de Hans Gadamer, em *Verdade e Método*[4] –, Bauman perspectiva o espaço público como o lugar propício ao "entendimento mútuo" que "nasce da 'fusão de horizontes', dos horizontes cognitivos, quer dizer daqueles que se delineiam e expandem à medida que a experiência vital se vai acumulando" (p. 47) e cuja condição primeira é justamente a de "compartilhar o espaço" (*ibidem*).

O terceiro e último ensaio, intitulado *Viver com estranhos*, traz-nos de volta ao cerco segregacionista: é contra as diferenças que nos causam mais medo que as fronteiras são obsessivamente traçadas. De entre as figuras que suportam esta "obsessão", o autor faz realçar os imigrantes "mensageiros de desgraças", – "o horror de guerras remotas, de fomes, de privações" (p. 75) –, eleitos como representantes da precariedade da condição humana, e os desempregados, a representar para os cidadãos "normais" o receio de vir a fazer parte da maré de "gente supérflua" que enche as cidades europeias. Mas para Bauman é ainda possível ter esperança na "comunidade dos homens" (p. 86), ou seja, ainda "[p]odemos ser diferentes e viver juntos" (p. 85). Uma confiança que radica numa outra imagem das circunstâncias da vida urbana (o que quer dizer das circunstâncias da humanidade) : para lá de "campo de batalha" entre mixofilia e mixofobia, para lá de depósito dos "resíduos globais", a vida no meio da cidade também é apercebida pelo autor *como* um "laboratório" (cf. p. 84) onde a mistura desproporcionada das duas tendências (mixofílica e mixofóbica) pode ser, se não superada, pelo menos invertida.

É nesse sentido que o autor nos transporta para as frases (aparentemente) simples da jornalista britânica Madeleine Bunting: se na cidade de cada um de nós estivermos dispostos – "através da acumulação de minúsculas interacções quotidianas

[4] Ver Hans Georg Gadamer (1997), *Verdade e método*, Petrópolis, Vozes.

– com o condutor de autocarro, com os outros passageiros, com o vendedor do quiosque, com as empregadas de mesa dos bares – e através também de frases soltas, de saudações fugazes, desses pequenos gestos apressados que atenuam as ásperas arestas da vida urbana" – a aprender e exercitar "a arte de viver com a diferença, salvaguardando cada qual a sua diferença e aceitando a diferença do outro", seremos então capazes de celebrar o "espírito da cidade" (p. 85). Para todos quantos se interessam por pensar-agir sobre as circunstâncias relacionais em que vivemos o dia-a-dia, *Confiança e medo na cidade* oferece a cada leitor a oportunidade de re-criar a sua própria capacidade de abertura.

**Título:** CONFIGURAÇÕES 3 2007

**Director:** Manuel Carlos Silva

**Directora-adjunta:** Helena Machado

**Conselho Consultivo:** Ana Nunes de Almeida (ICS, Univ. Lisboa), António Colomer (Univ. Politécnica de Valência), António Lucas Marín (Univ. Complutense); Carlos Alberto da Silva (Univ. Évora), Claude-Michel Loriaux (Univ. Católica de Louvaina), Daniel Bertaux (CNRS, Paris), Elísio Estanque (Univ. Coimbra), François de Singly (Univ. René Descartes-Sorbonne), François Dubet (Univ. Bordéus); Hermínio Martins (St Antony's College, Univ. Oxford), Ilona Kovács (Univ. Técnica de Lisboa); James R. Taylor (Univ. Montreal), João Arriscado Nunes (Univ. Coimbra), João Ferreira de Almeida (ISCTE, Lisboa), João Teixeira Lopes (Univ. Porto), John Law (Univ. Lancaster), José Bragança de Miranda (Univ. Nova Lisboa), José Carlos Venâncio (Univ. Beira Interior), José Madureira Pinto (Univ. Porto), José Manuel Sobral (ICS, Univ. Lisboa), José Maria Carvalho Ferreira (Univ. Técnica de Lisboa), Loïc Wacquant (Univ. Califórnia, Berkeley), Luís Baptista (Univ. Nova de Lisboa), Maria Beatriz da Rocha Trindade (Univ. Aberta), Manuel Villaverde Cabral (ICS, Univ. Lisboa), Manuela Ribeiro (Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro), Maria Ioannis Baganha (Univ. Coimbra), Michel Maffesoli (Univ. Paris V, Sorbonne), Ramón Máiz (Univ. Santiago de Compostela), Raymond Massé (Univ. Laval), Renato Lessa (Univ. Fluminense), Veit Bader (Univ. Amesterdão).

**Conselho Científico:** Emília Rodrigues Araújo, Ana Maria Brandão, António Joaquim Costa, Manuel da Silva e Costa, Ivo Domingues, Maria Engrácia Leandro, Helena Machado, Ana Paula Marques, Maria Paula Mascarenhas, Alice Matos, Teresa Mora, Rita Ribeiro, Manuel Carlos Silva, Carlos Veloso da Veiga, Fernando Bessa Ribeiro (UTAD), Manuela Ribeiro (UTAD), Sheila Khan (Univ. Manchester).

**Conselho de Redacção:** Ana Maria Duarte, Baltazar Ricardo Monteiro, Carlota Fernandes dos Santos, Fernanda Maria Nogueira, Francisco de Azevedo Mendes, Hélder da Costa Machado, José Fernando Bessa Ribeiro, José Guilherme Leite, José Manuel Machado, José Pinheiro Neves, Manuel Carvalho da Silva, Manuela Ivone Cunha, Maria de Fátima Ferreira, Maria Eugénia Rodrigues, Maria Manuela Ribeiro, Maria Norberta Amorim, Miguel de Melo Bandeira, Telmo Caria, Victor Manuel Rodrigues, Vera Duarte.

**Secretariado:** Sofia Oliveira (sofiaoliveira@ics.uminho.pt)

**Propriedade, redacção e administração:** CICS - Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho, 4710-057 Braga - Portugal. Telef.: 253 604 695. Fax: 253 604 696. <www.cics.uminho.pt>

**Coordenadores deste número:** Emília Araújo, Ana Brandão, Joaquim Costa, Rita Ribeiro

**Normas para apresentação e avaliação de artigos:**
Apresentação de originais: os textos propostos para publicação devem seguir as normas sugeridas na parte final da revista.
Avaliação de artigos: os artigos propostos serão submetidos a parecer de especialistas das áreas respectivas, em regime de anonimato. A listagem de avaliadores será publicada cumulativamente cada dois anos. A decisão final cabe ao(s) coordenador(es) de cada número e, em última instância, à Direcção do CICS.
Os textos podem ser publicados em português, espanhol, francês e inglês.
Correspondência (incluindo assinaturas): Revista *Configurações*, a/c Dr.ª Sofia Oliveira, Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho, Campus Gualtar, 4710-057 Braga.

**Apoios:** A edição deste número foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

**Edição:** *Configurações* é editada semestralmente (2 números/ano ou 1 número duplo) pelo CICS - Centro de de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho, 4710-057 Braga, em colaboração com Campo das Letras Editores, S.A., Edifício Mota Galiza, Rua Júlio Dinis, 247, 6.ºE1 - 4050-324 Porto. Telef. 22 60 80 870 / Fax. 22 60 80 880 / E-mail: campo.letras@mail.telepac.pt / site: www.campo-letras.pt

**Assinatura Anual:** Portugal, países de expressão portuguesa e Espanha: 20 euros. Outros países: 25 euros.
Preço deste número: 12 euros.

**Fotografia da capa:** Abigail Ascenso

**Tiragem:** 1000 exemplares

**Impressão:** Papelmunde, SMG, Lda. - V. N. de Famalicão
**ISSN:** 1646-5075

**Depósito Legal nº:** 246289/06

Solicita-se permuta. Exchange wanted. On prie l'échange. Solicitamos cambio.

Esta revista prossegue a série de Sociologia (6 números) de *Sociedade e Cultura* da revista *Cadernos do Noroeste*.